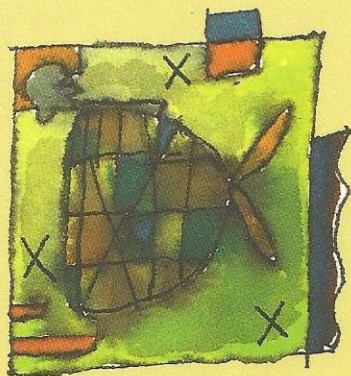
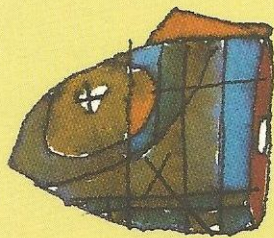


9 8 M A R E S

M. TEIXEIRA - GOMES

AGOSTO AZUL



EXPO'98

AGOSTO AZUL

M. TEIXEIRA - GOMES

AGOSTO AZUL



© 1996, Herdeiros de M. Telxela-Gomes e Parque EXPO 98, S. A.

A publicação de *Agosto Azul* e *Uma Copejada de Atum*, extraídos do livro *Agosto Azul*, foi gentilmente autorizada pelos herdeiros de M. Telxela-Gomes.

Ilustração e Design
Luís Filipe Cunha

Tiragem
5000 exemplares

Composição
Fotocompográfica

Seleção de Cor
Grafisels

Impressão e Acabamento
Printer Portuguesa

Depósito Legal
105 364/96
ISBN
972-8127-68-5
Lisboa, Janeiro de 1997

AGOSTO AZUL

Vamos visitar a esquadra inglesa do Mediterrâneo, que ancorou ontem na baía de Lagos.

Chego ao cais muito antes de nascer o Sol, quando o crepúsculo se anuncia por súbitas opacidades que tisnam o céu absorvendo momentaneamente o brilho das estrelas.

A água cuspinha nas pedras do embarcadero, sob a tenda de trevas que o encobre, e a meio do rio, ao sabor da sua corrente de tinta negra, serpeia uma oleosa, fugitiva esteira de luzentes reflexos.

Mas depressa bafeja a subtil aragem matutina...

Pelo azul nocturno do remotíssimo céu alargam-se claridades de vidro que um forro de pano escuro espedhasse...

O silêncio amodorra-se molemente perturbado pela respiração rítmica do mar, que mal soa distante, espaçada e funda...

Os barqueiros juntam-se calados e aprestam o bote sem trocar palavra; os baques secos dos pés descalços no oco dos paneiros retumbam singularmente cavos.

Já todos estão a postos e um deles exclama: — «Pronto!» — com o tom de voz longínqua e apagada.

Embarco.

Os quatro remos chapinham, em monótona cadência, na água ferida de fosforescências breves...

Seguimos contra a maré, cerce à linha curva do dique; gemem penosamente os remos nos toletes; mas os barqueiros remam rijo e em poucos minutos tocamos no *Convento* onde o meu companheiro de passeio aguarda. É um catalão agigantado cujo peso lastra convenientemente o bote.

Vogamos de novo.

À ponta da Areia já reluzem mais trémulas as estrelas

pelo céu que esfria; a leste a linha do horizonte alveja e endurece, entre sombras fofas, como o tubo polido de farta pluma cinzenta...

Logo as sombras ruborescem apertadas em rede prateada.

Aproamos à barra.

Os catraeiros remam silenciosos ou falam baixinho para não trilhar a paz sereníssima da manhã...

Já haurimos a frescura da amplidão salgada...

O mar marulha brandamente nas restingas da barra que nós transpomos sem ondulação sensível.

Vamos rente com a praia que não vemos, mas percebemos-lhe os recortes traçados na obscuridade pelas curvas sonoras da onda que se alastra preguiçosamente na areia inerte.

Por cima dos alcantis da costa progride a alvorada; cinge-se o céu de faixas de oiro cor de limão golpeadas a carmim e o mar dilata-se infinitamente quando rebenta a luz do Sol, jorrando fogo como se por detrás do céu tudo fosse metal fundido...

Dão-me no peito nu os primeiros raios do sol, que eu esperava erguido à proa do bote, e atiro-me à água onde

mergulho de olhos abertos, em voluptuoso torvelinho de prata lactescente. Tenho a ilusão de uma possível metamorfose, com arrancos de golfinho, pelo lençol da água esverdeada onde todo o meu corpo se embebe de fresquidão...

Mas o sol aquece: os barqueiros já limpam as testas que escorrem em bagas de suor.

Visto-me.

O casario de Lagos, ao fundo da baía, vai perdendo a sua líquida brancura de cal derramada e os navios de guerra, até ali meras sombras, surgem da água maciços, disformes, desarvorados, como leixões providos de artilharia.

Mais de perto, quando se evidencia, irrefragável, a sua estrutura flutuante e os vemos cheios de rígidos vultos negros, sugerem a ideia de um êxodo de gigantes convertidos em franciscanos, que aguardam imóveis, engolfados nos capuzes de ferro, o sinal do desembarque.

Mas a bordo dos couraçados não andam monges: é a aglomeração dos ventiladores colossais em volta das chaminés que nos excita a fantasia.

Aproximamo-nos.

É a hora do banho para a marinhagem que se apinha nos castelos da proa ou já se balouça em cachos de baralhadas formas nuas nas cordas suspensas dos paus de surriola.

Jogam-se à água, muitos com saltos de acrobatas, e uma chusma deles cerca-nos o bote lançando-lhe as mãos à borda como se o quisessem tomar de assalto.

É uma cena rara.

A um marujo ruivo, com o torneado arcabouço de pião, que assomara ao bote e ficou debruçado, a meio corpo, damos-lhe vinho pela borracha. Bebe sôfrego e sem jeito, com dois fios de púrpura a fugirem-lhe das commissuras dos lábios até encherem as conchas em que se lhe ajeita a carne no vão das clavículas.

Outros querem também beber.

Para despachar, o meu companheiro abre garrafas de cerveja e vai-os servindo a dois e dois, metendo-lhes os gargalos pelas bocas escancaradas.

Eu digo aos catraeiros que tirem fruta das canastras bem providas que levamos e lha dêem a comer.

O quadro toma tintas de exultante paganismo: aqueles corpos nus emergindo da água; as serpentes nodosas de

tantos braços brancos agitando-se sobre as bordas do bote e à altura daqueles rostos húmidos, de expressão risosa e gulosa, as nossas mãos cheias de frutas, com os figos brandos, os pendentes racimos de uvas, as pêras louras e as rubras talhadas de melancia a desfazerem-se em sumo de encontro às faces imberbes...

Alguns abocam, arrepanhando brutalmente os frutos, com o jeito cómico de cães esfaimados; aquele chupa demoradamente uma laranja furada; na testa doutro esborracha-se um figo inchario...

Mas todos agradecem com olhos de encanto o maná perfumado desta nossa terra de promessa...

Tanto se carrega o bote de gente que lhe começa a entrar água dentro; nós nem damos por tal, tão absortos e azafamados na divertida tarefa. Soa a bordo dos couraçados o toque de recolher a tempo de nos poupar ao forçado banho... Afasta-se a marujama em cardume, voltando de quando em quando as cabeças para clamar uníssona as derradeiras saudações...

É hora de almoço mas temos de renunciar ao abrigo relativamente fresco do nosso toldo branco para ir a terra refazer as provisões pouco menos de exaustas...

O calor aperta despropositadamente e quase nos fazem compaixão os soldados ingleses que encontramos pela cidade e cujas caras de baetão vermelho mal se diferenciam da cor das suas jaquetas.

Demoramo-nos até ao meio-dia e como nos avisem de que a bordo não recebem visitas antes das duas horas procuramos matar o tempo em terra.

Lembro-me de uma sesta dormida à sombra dos rochedos, na areia seca da praia, e saímos da cidade em busca de local apropriado.

A costa fragosa cava-se em série de calhetas cilíndricas que não comunicam entre si e formam bacias naturais aproveitadas pelos banhistas.

Àquela hora de folga tudo está repleto. Bandos ruidosos de operários, em cujos corpos macilentos a vida encerrada das fábricas pôs o inconfundível selo, ocupam as primeiras angras; noutras, a seguir, os rapazes do campo, sólidos e lestos mas medrosos, lavam-se à babugem das ondas e vêm secar os corpos rolando-se na areia assoalhada para voltar de novo à água; alguns mais arrojados e destros nadam pelo mar fora soltando gritos agudos. Finalmente topamos numa enseada distante com dois esca-

leres da armada que dois marinheiros nus enchem de areia. São marujos malteses, de pele baça e modelados como hérules: os mesmos corpos de possantíssimos escravos que as gravuras antigas punham a remar nas galés do Grão Turco. Era placidamente heróico o espectáculo dos seus trigueiros corpos atléticos, que se bronzeavam à sombra lavados nas quentes reverberações da luz, a moverem-se, leves, pela praia fora, insensíveis ao peso enorme das canastras de faia que transportavam à cabeça, coguladas de areia seca.

Passou a hora da sesta e é tempo de tornar ao bote e à esquadra.

Os fornecedores de bordo oferecem-se para nos conduzir ao *Revenge* mas ali recebem-nos de má vontade e pela escada de bombordo. Pergunto se o navio-almirante admite visitas e para lá me dirijo mau grado a resposta negativa que obtenho a bordo do *Revenge*.

Atracamos ao patamar inferior da escada de estibordo e grito à sentinela que preciso falar ao oficial de serviço.

Sem demora o oficial aparece, rosado e glabro, no seu imaculado uniforme de linho branco, inclinando-se cerimoniosamente, a inquirir o que desejo.

— Desejo visitar o barco mas não subo pela escada de bombordo...

O oficial sorri e fixa-me com curiosidade. Vai consultar o seu superior. Volta. Podemos subir mas somente eu e o meu companheiro. À gente dos outros botes que nos seguiram é negado o acesso.

Surtiu o seu efeito a pequenina cena de snobismo a que a alma britânica é tão sensível. O oficial, muito amável, dá-nos um marinheiro com olhos de «ingénua» para nos pilotar. A visita é monótona e aborrecida apesar do empenho que o guia mostra de nos entreter.

Os couraçados dão-me a uniforme impressão de uma vida exclusivamente mecânica, trabalhando por engrenagens de ferro, mas sem a alegria da fábrica cuja alma se apreende no movimento aéreo dos transmissores; a bordo dos couraçados escasseia o tempo e falta o ar à tripulação que até parece ali de mais, naquela clausura blindada. Tudo é brutal, hirto, cativo. Nem uma única inflexão de corda solta ao capricho do vento, nem a alegria duma vela que drapeje, nem a esperança duma tábuia de salvação na tragédia dos naufrágios.

Sente-se que um segundo bastará ao mar para engolir

toda aquela mole metálica. A casca de noz do simples batel infunde-me mais confiança.

O nosso entendido e diligente guia mostra-nos o manejo dos canhões monstruosos, das peças de tiro rápido e dos torpedos feitos à feição de esqualos e pergunta-nos, baixando pudicamente os olhos, se as raparigas portuguesas são bonitas.

O primeiro sinal de vida palpitante a bordo do imane couraçado percebemo-lo nesta pergunta espremida a custo e à qual a timidez com que é feita dá um sentido ardente...

E não resta dúvida; afora o perpétuo grito da cruz escarlate na bandeira desfraldada, tudo, naquele recinto, se ressentia da impenetrabilidade do aço: miragens da existência livre e escumas da onda inquieta morrem desfeitas nas chapas inflexíveis que lhe revestem o costado...

De uma das pontes observamos os marinheiros que descansam no castelo da proa: ali mesmo a animação é nula. Conversam a meia voz. Reconhecemos alguns dos que regaláramos de manhã com fruta e vinho; agora olham-nos quase a medo.

Um deles, ajoelhado, acorda o companheiro que dor-

me, passando-lhe a mão pelo rosto e tocando-lhe nos lábios com uma maçã. Desperta o outro; ambos comem da maçã e sorriem amorosamente. É o melancólico idílio das camaradagens marítimas: os dois coram como donzelas ao surpreender a curiosidade com que os espiamos...

Descemos ao bote e damos ordem para o regresso, recomendando aos catraeiros que remem devagar.

É tão activa a reverberação do sol na superfície da água que julgamos vogar entre sargaços de fogo.

O calor sufoca e dos corpos dos barqueiros escorre o suor em tal abundância que faz poças nos paneiros.

Nós abramos também, mesmo debaixo do toldo branco.

— Se houvesse aqui perto alguma praia com sombra, íamos para lá esperar o pôr do Sol... — digo eu já insofrido.

— Passados Os Três Irmãos de Alvor — são três leixões agudos que avistamos cerce — na Ponta de João de Ourém há umas praiazinhas, mas não valem nada...; só na baixa-mar é que ficam a descoberto...

— Voltamos lá já...

— A Ponta de João de Ourém é um montão de rochas a

crescer pelo mar dentro e visível em toda a linha da costa desde a ponta do Altar até à ponta da Piedade.

Rochedos amontoados brutaemente dando um perfil tumultuoso e áspero, com luzernas de céu e mar a resplandecer pelos vãos dos penedos sobrepostos.

Ao pé, esses penedos separam-se em labirinto de leições semeados no mar, a esmo, levando por sinuosos canais sombreados aos pequenos refúgios da costa. As rochas levantam-se desigualmente: algumas afloram ou assomam os tenebrosos cabeços vincados por paralelas de gumes, à mais leve ondulação do mar; outros abrem-se em arcos franjados de algas verdes ou aguçam-se em pontas carcomidas; finalmente, dois ou três muito altos e cilíndricos erguem-se da água transparente com a solidez e o arrojo de torres fortificadas, enegrecidas e húmidas até onde lhes bate a água, mas os remates, brunidos pelo vento e amarelecidos ao sol, tão secos e lisos como se fossem de marfim.

O bote acolhe-se ao umbroso remanso de uma gruta baixa, donde nós alcançamos terra saltando, descalços, ao lume de água sobre cachopos escorregadios.

Achamos praia de areia seca mas quase toda no perí-

metro dum fojo imenso cujo incessante esboroamento tornaria a nossa demora, ali, arriscada.

Resolvemos passar o resto da tarde dentro de água. O meu gigantesco e obeso companheiro despe-se e fica sentado numa pedra, com água pela cintura, a chapinhar as polpas do tronco que se ordenam em roscas vermelhas, todas subordinadas ao aninho do umbigo, como a animada estátua de um Buda de raça loira.

Eu nado à aventura por entre os rochedos, na afagosa sensação da fluidez que embala, explorando furnas lôbregas, onde a carne mal se esquivava ao contacto das pedras que anavalham, e mergulhando de olhos abertos para atravessar buracos de rochas submersas, cujas bocas oscilam, recuando ou adiantando-se, ora ampliadas ora sumidas, pelas glaucas profundezas da água agitada.

O corpo estremece-me no silêncio das sombras onde a água estagna gelada e cristalina e daí foge, arrepiado, coando-se pela água amornecida das passagens assoalhadas, com os membros laxos de quem flutua, inerte, ao sabor de uma preguiçosa corrente de frouxéis de arminhos.

Ando nisto duas horas ou mais quando enxergo, em cima de uma larga pedra rasa e rente com o mar, um pes-

cador de cana que se esforça inutilmente por tirar a linha da água. O corpo dobra-se-lhe em arco perfeito, tal é a violência com que forceja por soltar a linha, e cai, assim dobrado, de costas, quando subitamente o peixe que a prendia salta da água e lhe vem bater no peito. É um grandíssimo congro a descrever arabescos prateados por entre os membros do pescador que o tenta sujeitar com o peso do corpo. Mas o peixe viscoso coleia, enfurecido, resvalando pela carne nua e ambos ficam a escabujar sobre a rocha limosa.

Com o meu auxílio doma-se o monstro e é então que eu reconheço a custo, na elegância da sua nudez de adolescente, o pescador, um garoto, grande traquinas, a quem por pedido dos pais eu diligenciara debalde meter na escola de marinheiros.

la-me ele contando as peripécias da sua pesca, mas de repente pára e aponta para uma furna distante, visível pelas frinchas que a perspectiva das rochas abre ao acaso: dentro estão duas mulheres sentadas, dobrando os xales com jeito de quem se vai despir.

O rapaz não as conhece e observa:

— Devem ser do campo e pensam que ninguém as

vê...; a apostar que se vão despir e que a gente as vê nuzinhas...

— Deixa-as lá...

Despem-se com efeito, entre risos que mal ouvimos. Ambas são trigueiras, conquanto mostrem nos braços uma alvura que os rostos não faziam suspeitar. Diferem consideravelmente na idade. A uma delas alteia-se a camisa no peito com exuberâncias de amojó e na outra cai em pregas pelo grácil corpinho abaixo. Riem; riem muito, a porfiar qual delas há-de primeiro despir a camisa. É a mais nova que se decide: mostra no torneado tronco dois meios limões agudos onde a outra põe logo os lábios; depois esta abre também a camisa, soltando os tímidos seios maduros que a outra apalpa. Recrudescem os risos...

Mas esta cena dura apenas momentos porque elas logo enfiam as saias brancas pela cabeça, perscrutando medrosas com a vista, em redor, e, erguendo-se, desaparecem por detrás das rochas.

Reparo no pescador; vejo-o de braços estendidos e as mãos abertas na atitude de quem pede silêncio, os olhos chamejantes e o sexo arrebitado: é o fauno púbere prestes a atirar-se à ninfa incauta que ele espreitou e quer violar...

Volto adonde está o meu companheiro, a quem encontro ainda na mesma postura, chapinhando o tronco já desafogueado e branco de cré.

Embarcamos.

O calor abateu com o declinar do Sol que desaparece precisamente quando aproamos à barra.

Como se extingue o braseiro no vasto disco de bronze amarelo assim se afogou o Sol em cinzas ao resvalar no polido oiro pálido do céu.

Descobre-se a curva inteira da baía; mas a atmosfera perde a sua jubilosa limpidez, satura-se de humidade que a repassa de tons cetíneos e esfuma-se a poente de puídas cambraias arroxadas.

A superfície do mar embebe-se de violeta, nas restingas da barra a água rola espumas de arco-íris.

O ar arrefece sem que bafeje o mais ténue sopro de aragem.

Passamos a barra.

À esquerda sombreia a duna extensa com o seu perfeito contorno de ciclóide desenhado num fio de lume sobre o fundo azul-verdoso dos campos.

A luz parece morrer numa atonia de pérola sem brilho;

mas à revivescência do crepúsculo forra-se inesperadamente o horizonte de purpúreo damasco-escuro lavrado a fogo.

Nesse plano ardente as altas serras do Algarve, que fecham a bacia do rio, ampliam-se e endurecem tornadas em maciço vidro fosco.

A noite cresce do oriente com asas tenebrosas de morcego; esvai-se o crepúsculo e a escuridão cristalina...

São águas vivas: a corrente do rio apertada na vazante entre a coroa de areia que o vai assoreando e a curva do dique é difícil de vencer; os catraeiros remam trabalhosamente, com dolorosos rangidos nos toletes a que estremeçam as tábuas do bote.

Já se avizinha a vila; o casario distingue-se mal, par-dacento, aos laivos, feito a retalhos de papel furado por luzes cujos trémulos reflexos penetram profundamente no coração da água.

Suspiram as estrelas no cristal negro do céu...

É já noite cerrada quando atracamos ao cais e, ao ba-que do bote dando nas pedras do embarcadoiro, a mesma voz da manhã, soando longínqua e apagada, repetiu: — «Pronto»...

UMA COPEJADA DE ATUM

Tunes, 24 de Dezembro de 1926.

Meu caro amigo:

Lendo a minha última carta terá talvez dito para consigo: que extravagância será a deste homem, agora, que em terras tão remotas, pitorescas e variadas, leva horas a escrever sobre a costa do Algarve? Duas razões há para isso, e qual delas a mais simples e plausível. No curso da vida, quem é que se não encontrou uma vez a falar, ingénuo, do coração para o coração, e se, depois, o amor, ou a ilusão do amor, se lhe desfez, que mimosa recordação lhe não ficou desses momentos em que a alma parecia ter revertido à candura do Paraíso perdido? Foi assim o amor

que me inspirou o mar da minha terra; diferente dos outros amores em nunca ter sofrido desilusão, antes ampliado e sublimado pela separação e pela ausência. Ali, durante anos, destemido, sereno, livre e forte, como um semideus — e quase na persuasão de que realmente o era — vivi na pureza das águas desse mar, sondando-lhe as profundezas cristalinas, rolando nas volutas das suas ondas encapeladas, como se ele fora o meu elemento natural; despido e nu de toda a malícia e de todo o pecado, nele me embalava horas sem fim, sonhando com os astros, e entre sonhos, imaginando que, talvez, um dia, para eles fosse arremessado... É-me prazer inefável recordar esses anos, ou pelo menos os cenários em que decorreram; e aqui está a primeira razão. A segunda vem de que é muito mais fácil fazê-lo à distância. Porque é que tanto me enleia e confunde escrever meia dúzia de linhas sobre uma paisagem, um quadro, um monumento, que me estão diante dos olhos, e logo que se afastam, a ponto de não serem já perceptíveis, as observações, o discorrer, que eles motivam, tomam forma e (correntemente) a linguagem lhes dá expressão abundante e apropriada? Excesso de imaginação, talvez, que se sente restringida, limitada, cerceada,

pelo testemunho do modelo em presença, e que pode *trabalhar* livremente sobre ele, quando está ausente. E enquanto lhe escrevia a minha última carta, mais de uma vez me acudiu à lembrança a promessa que fiz, já não sei a quem — ao Jaime Cortesão, se me não engano — de dar, para o *Guia de Portugal* dos rapazes da *Seara Nova*, a descrição de «uma copejada de atum». Fiquei sempre pensando que era agora — de longe — boa ocasião de a fazer. Pois vou tentá-lo hoje, e se lhe parecer que pode servir, guarde-a para o caso de eles um dia a pedirem.

A costa, a leste de Portimão, continua alcantilada e pitoresca em algumas léguas, mas de difícil acesso, com pequenas e raras praias, na boca de apertadas ravinhas. Assim é a praia do Carvoeiro, que serve aos habitantes de Lagoa para banhos e passeio.

Aí tinham uns amigos meus o arraial de uma armação de atum, lançada mesmo em frente da praia, a três ou quatro quilómetros de distância, no mar alto, que me proporcionou, pela primeira vez, o espectáculo de uma copejada.

Era no fim de Maio, com vento mareiro e águas claras, indispensáveis para trazer à costa os cardumes de atum,

que se assusta e foge à menor sombra que lobriga. Esperava-se farta passagem de peixe e eu recebera aviso para comparecer.

Logo à minha chegada, ao cair da tarde, fizeram sinal da armação de que um «bom cardume» de peixe se aproximava. A notícia causou profunda sensação, pois as vigias, sempre cautelosas, o mais que anunciam, de ordinário, é o aparecimento de alguns peixes, «poucos», e eu fui recebido, pelos meus amigos, festivamente, como se a minha presença tivesse chamado o atum.

O director técnico da sociedade (um Joaquim Negrão, curiosa figura desportiva donjuanesca aventureira; o mesmo que em moço levava o Antero à América numa escuna que ao tempo comandava) seguia, por um grande óculo de alcance, o que se passava na armação, e ia comunicando as informações colhidas. O atum era muito, acudira bem ao «atalho», e entrara no copo, onde esperaria a madrugada seguinte para ser pescado.

«Onde esperaria...»

Para os pescadores uma noite dessas é de incomparável ansiedade; não vá o ruaz entrar na armação, e senti-lo basta para que o atum, tomado de pânico, faça acuada

e abra caminho, rompendo o copo com o peso, e desaparecendo em poucos minutos.

É o que isso significa?! A grande esperança frustrada; a rede inutilizada e levada para terra a conserto; dias perdidos no tão apertado período da pesca, que para o atum de direito não vai além de um mês escasso, e logo na boa monção de águas claras, que raramente se repete no mesmo ano.

Sem embargo, alegre decorreu o jantar, e, para desfazer cuidados, os meus anfitriões deram-nos à sobremesa um velho bastardinho, criado nas areias de Alvor, capaz de desanuviar a alma do próprio Job.

Notícias mais precisas, trazidas pelo mandador da armação, avaliavam o peixe entrado em oitocentas cabeças, o que daria uma copejada esplêndida a todos os respeitos: lucrativa e pitoresca.

Depois do jantar o Negrão leccionou-me um pouco sobre o que era uma armação, e o que conhecia dos costumes do atum.

O covo ou copo da armação, que é um longo e perfeito rectângulo, está fixo no fundo do mar por pesadas fateixas, a que o prendem cabos de aço; e à superfície segura-se

na amurada das grandes lanchas que o cercam, das quais a maior, chamada de «testa», ocupa uma das extremidades mais estreitas do rectângulo. Na extremidade oposta está a entrada — «as portas» — da armação, precedida de um jogo de redes, cujos movimentos permitem encaminhar o peixe para dentro do copo; esta operação chama-se «ata-lhar». A começar das portas, e estendendo-se muito pelo mar fora, segue uma rede de metro e meio de altura, suspenso em bóias de cortiça, e esticada por pesos de chumbo, a que se chama «rabeira».

O atum, que anda em cardumes, procurando a proximidade da costa para desovar, se entra na faixa de água limitada pela rabeira e lhe vê a sombra, assustadiço, como é, em vez de tentar atravessá-la vai-a seguindo mansamente, à busca de saída, e mansamente cai nas portas da armação, que se fecham apenas o apanham dentro.

Antes de desovar, o atum chama-se «de direito», e as armações que o apanham têm a boca voltada para oeste, de onde ele vem na derrota do Estreito; essas mesmas armações, postas com a boca voltada para leste, servem para o atum «de revés», que regressa em poucas semanas, já desovado e magríssimo. Daí a grande diferença de valor

entre os atuns de direito e de revés, sendo aqueles aproveitados especialmente em conservas e estes para a salga.

O seu grande inimigo é o ruaz, cetáceo potentíssimo, que os persegue também em cardumes, e lhes come de preferência a barriga, de uma só dentada, atirando-os depois ao ar, como se fossem pélas cheias de vento. Um atum adulto pesa de seis a doze arrobas, mas o ruaz é um monstro da forma do tubarão, com oito metros e mais de comprimento. Este monstro, porém, não ataca o homem, e eu tive disso a prova, porque uma vez, nadando longe da costa, alguns vi e por eles fui visto, sem me fazerem mal; eu é que não sei como escapei do susto!

A copejada faz-se levantando uma rede móvel chamada «céu», que está no fundo do copo, e vai lentamente trazendo o peixe à superfície da água, onde ele é apanhado pela gente da companhia debruçada sobre as barcas, e tendo preso no pulso direito, por uma corda, um pequeno arpão móvel. O peixe corre em círculo à roda das barcas, e, quando lhes passa ao alcance, o pescador mete-lhe o arpão e puxa-o para dentro da barca, onde ele entra e cai pelo seu próprio impulso, desprendendo-se do arpão automaticamente, apenas transpõe a borda da lancha. Uma

criança de dez anos pode, assim, pescar peixes de dez arrobas.

Ainda a madrugada não dava sinais de romper, já nos encontrávamos no bote que nos devia levar à armação. Durante a noite o vento fizera-se mais de terra, mas ainda de má feição; a distância era grande e havia muito que bordejar para vencer a tempo de assistir ao começo da copejada. Fazia luar; a ondulação do mar, espaçada e surda, era como que abafada por aquela silenciosa luz branca.

O caminho fez-se mais depressa do que julgávamos, e quando entrámos na barca da testa, onde devíamos assistir à pesca, a Lua não empalidecera ainda de todo e apenas a nascente dois fios de carmim, tenuíssimos, assinalavam, no céu polido e esverdinhado, o ponto por onde ia surgir o Sol.

A companha, que viera duas horas antes, acabava os últimos preparativos para a pesca, ensebando os cabos, experimentando as roldanas, e reforçando as pulseiras dos arpões.

À volta da armação aglomerava-se grande número de

lanchas de carga, vindas, durante a noite, dos portos vizinhos, onde o telégrafo levava aviso da grande copejada em perspectiva. Essas lanchas, pela ordem da sua chegada, destinavam-se a carregar o peixe que se pescasse, para o conduzir à lota de Vila Real de Santo António, o grande mercado de atum, concorrido de italianos e espanhóis.

Mas no enorme agrupamento de gente, batéis e lanchas, de que se distinguiam já claramente as formas e os movimentos, o que surpreendia era o silêncio, inesperado e sempre admirável na gente do mar, e sobretudo em algarvios de tão falaruca fama. Era para não espantar o peixe, como a superstição aconselha.

Rompeu, por fim, o Sol, apressado e quente, sem que tivéssemos prestado atenção ao seu glorioso aparecimento, e começou a concertada faina de levantar o céu da armação. Logo aos primeiros movimentos a superfície da água, no recinto da armação, começou também de se encrespar, aqui e ali, de rolos de prata viva; eram pequenos cardumes de sardinha, que fugiam à voracidade do atum. Acudiu-se-lhe com umas redes triangulares, dobradiças, chamadas «muletas», que facilmente a apanhavam e distribuíam pelos convidados. Nós já tínhamos o nosso fogareiro

de barro preparado, à espera, com a lata sobre as brasas; ali, em poucos minutos ficava a sardinha assada, e logo era comida mesmo na ponta da unha, com pão de toda a farinha, minheiro e ainda quente do forno, e regado com um «tinto» áspero de surdo flavor, trazido adrede para aquela função já certa.

Apenas a água principiou a ferver, com a revolução do peixe que se aproximava da superfície, rompeu a mais tremenda gritaria e algazarra, de que tenho memória, e que ainda redobrou ao aparecimento dos primeiros atuns. Começou então a toirada.

Sucedeu que o primeiro atum arpoado se escapou, e caído à água com tal velocidade parecia voar, jorrando sangue que o acompanhava de um rastro de púrpura. A assuada ao marujo infeliz foi medonha, e vi jeitos de o atirarem também à água. Mas é que os primeiros atuns que apareciam, tendo ainda campo avonde para nadar, fugiam das barcas, enquanto os marujos, abrindo os braços, e com grandes pancadas no costado das lanchas, os incitavam às sortes, como se fossem bois.

Isso, porém, durou pouco. Entre borbulhões de espuma assomou logo uma densa camada de peixe, e tão aper-

tada pelo costado das barcas, que os marujos quase lhe davam às cegas, levantando uma cabeça a cada arpoada.

Viu-se então que o atum era de bom calibre e muito. Ao meu lado, um perito amador, mas de reconhecida autoridade, ia-o contando, e quando chegou aos quinhentos verificou-se que não fazia falta no copo, onde continuava a afluir em camadas igualmente densas.

O sangue e a água, misturados, soltavam-se aos cachões, envolvendo os peixes em línguas de púrpura cristalina, e ao centro da rede faziam remoinho, abrindo um poço fundo e largo, por cujas paredes transparentes giravam, desvairados, os grandes bichos cintilantes.

Dissera-me o meu hóspede que o Joaquim Negrão me preparava uma surpresa, e sem o ter esquecido eu pensava, com cepticismo, no que poderia haver mais surpreendente do que aquele espectáculo de colossal carnificina, com tal cenário, nunca igualado, nem aproximado pela fantasia do mais asiático dos imperadores romanos.

O contador já ultrapassara o milhar e ainda o peixe acudia em abundância, sendo algum de extraordinário tamanho. Eram os «velhos manhosos», observava um marujo, que só aparecem no fim. Com efeito, as camadas que

vinham à superfície tornavam-se pouco a pouco menos densas, avolumando ainda mais as proporções dos «velhos manhosos» que se multiplicavam.

O Negrão, aproximando-se do meu grupo, para falar com o mestre da companhia, bradou-me:

— «Agora vou-lhe mostrar um quadro da mitologia.»
— «Vamos lá ver», repliquei, se bem que pouco disposto ao entusiasmo, já embotado pela prodigiosa cena a que assistia. Depois de falar com o mandador, o Negrão gritou para a ré da barca: — «Bem, se não há mais nenhum, que venha cá o Serafim...» — «O Serafim, o Serafim!» pôs-se a clamar quase em coro a marujama, e um rapaz atarracado, embezerrado, e arruivado, como que lhe veio nos braços, pela amurada fora, até onde o Negrão estava. E ouvi este que lhe dizia: — «Não quero desculpas; é para já...»

Então o rapaz, depois de olhar entre envergonhado e receoso para o meu grupo, principiou a despir aquela quantidade de trapalhadas em que os pescadores se envolvem, mesmo de Verão, quando vão para o mar. E apareceu admiravelmente bem proporcionado e forte, com um tronco de coiraça grega, abaulado no peito e estio no ventre, os quadris estreitos, mas as coxas volumosas e de

formidável musculatura. Tirante os pulsos, o pescoço, e os pés, que andavam tostados do sol, todo ele era de uma brancura marmórea. De pé, na borda da lancha, erguendo os braços e juntando as mãos, tomou um leve balanço e jogou-se à água, sumindo-se entre os peixes.

Mas em poucos segundos ele surgia, quase na extremidade oposta do copo, montando um enorme atum, que, para se desembaraçar da estranha carga, entrou a correr vertiginosamente, saltando sobre o outro peixe que lhe impedia a passagem, ou mergulhando subitamente, para reaparecer alguns metros mais longe, sempre com o tritão às costas, agarrado com a mão esquerda a uma das alhetas, agitando a outra mão no ar, e dando gritos de triunfo. O rapaz estava transfigurado; resplandecia de audácia e mocidade, entre as grandes salsadas de água rubra que lhe lambiam o corpo, e luzia, ao sol, como um vivo mármore cor-de-rosa.

Animados pelo exemplo, outros rapazes se atiravam à água, para cavalgar os peixes, mas nenhum tinha a segurança heróica, nem a graça helénica do Serafim.

A pesca fechou acima de mil e trezentas cabeças. Mais de «treze centos», como dizia a gente da companhia. Fora, na verdade, uma copejada maravilhosa.

Tomámos o bote para regressar a terra. O sol ardia já como fogo, e em volta da armação formara-se um círculo imenso ensanguentado, onde as lanchas, carregadas de peixe, bordejando, abriam silhagens de carmim, que se lhes reflectia nos bojos das velas pandas.

Quando entrámos em águas limpas, senti a necessidade de me purificar, depois daquela monstruosa hecatombe, e atirei-me, nu, ao mar. Após vários mergulhos fundíssimos, até onde o peso morto do corpo me podia levar, passei debaixo dos braços um cabo que lançaram do bote e deixei-me rebocar para terra, já meio adormecido...

M. TEIXEIRA - GOMES
AGOSTO AZUL

Vamos visitar a esquadra inglesa do
Mediterrâneo, que ancorou
ontem na baía de Lagos.

28

Apresenta



Patrocínios:

